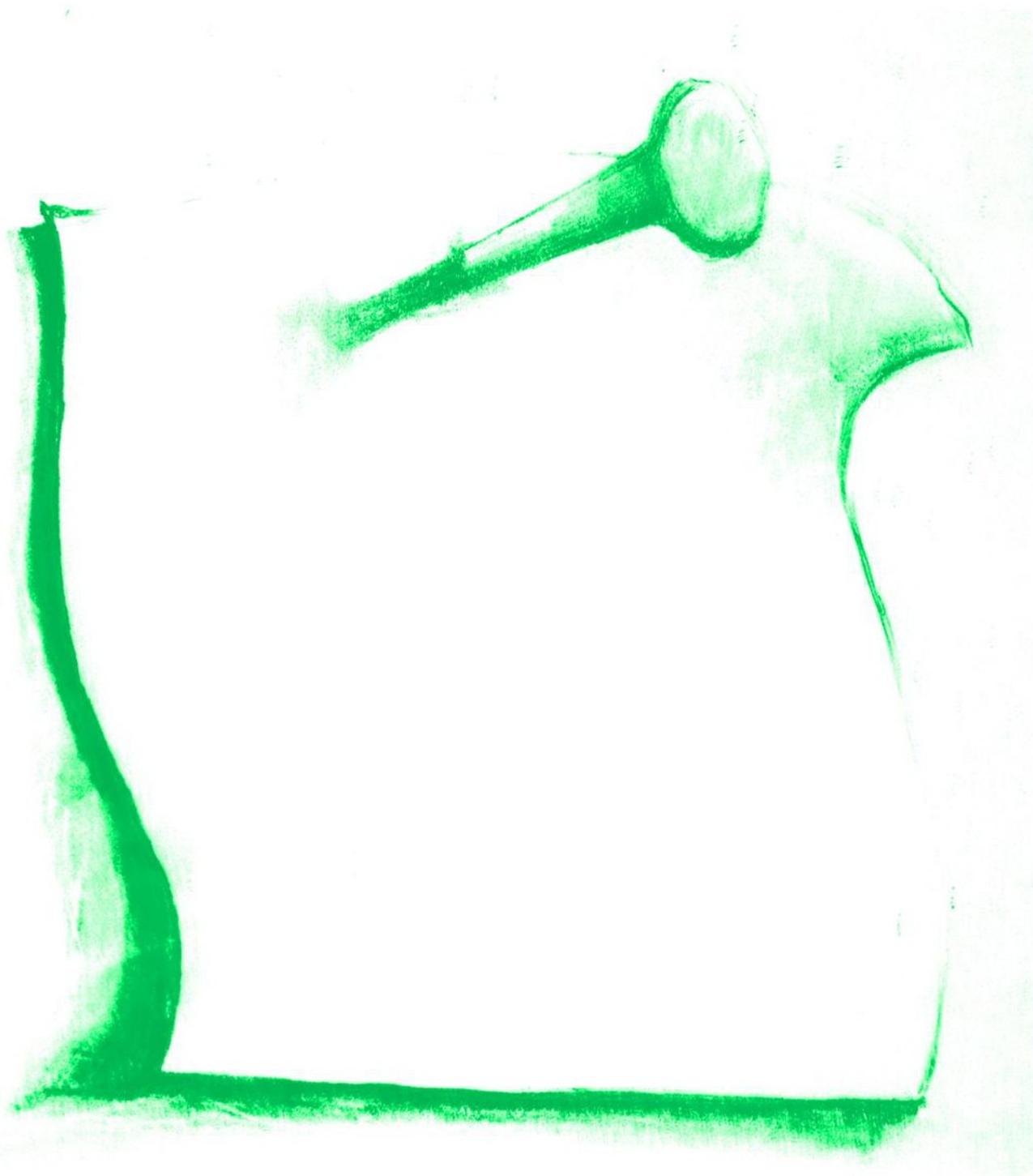


Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES

Vitória, v.3, n.6,
ano 4, junho de 2014.



Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Centro de Artes

Diretor

Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-diretor

Fábio Goveia Gomes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Coordenação

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Grandó Bezerra

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa

Editores

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, PPGA-UFES

Ms. Arlette Passamani Frauches, PPGA-UFES

Ms. Diego Kern Lopes, PPGARTES-UERJ

Ms. Fuviane Galdino Moreira, PPGA-UFES

Ms. Iris Maria Negrini Ferreira, PPGA-UFES

Janayna Araujo Costa Pinheiro, PPGA-UFES

Ms Jorge Luiz Mies, PPGA-UFES

Ms. Melina Almada Sarnaglia, PPGARTES-UERJ

Ms. Rosa da Penha Ferreira da Costa, PPGA-UFES

Rodrigo Hipólito, PPGA-UFES

Sabrina Vieira Littig, PPGA-UFES

Conselho editorial

Porf.^a Dr.^a Aissa Afonso Guimarães, PPGA-UFES

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves, PPGA-UFES

Prof.^a Dr.^a Almerinda da Silva Lopes, PPGA-UFES

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Grandó Bezerra, PPGA-UFES

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, PPGA-UFES

Prof.^a Dr.^a Clara Luiza Miranda, PPGA-UFES

Prof. Dr. Erly Milton Vieira Junior, PPGA/PPGCOS-UFES

Prof. Dr. Fabio Luiz Malini, PPGA-UFES

Prof.^a Dr.^a Gisele Barbosa Ribeiro, PPGA-UFES

Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro, PPGA/PPGAU-UFES

Prof. Dr. Ricardo da Costa, PPGA-UFES

Prof. Dr. Ricardo Maurício Gonzaga, PPGA-UFES

Projeto Gráfico 3º Colartes

Juliana Colli Tonini

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo Hipólito

Editoração V.4

Aissa Afonso Guimarães

Alexandre Emerick Neves

Almerinda da Silva Lopes

Angela Maria Grandó Bezerra

Aparecido José Cirillo

Janayna Araújo Costa Pinheiro

Rodrigo Hipólito

Capa

Rodrigo Hipólito

Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES – ano 1, vol. 1, n. 1 (dez. 2011). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2011- .

Ano 4, vol. 3, n. 6, (Junho. 2014).

Semestral, com publicações nos meses junho e dezembro.

1. Artes visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes.



Laboratório de Pesquisa
em Teorias da Arte e Processos em Artes



Os conteúdos dos Artigos, Relatos de Experiência e Ensaio Visuais são de inteira responsabilidade dos autores.

APRESENTAÇÃO

MODOS DE FAZER/MODOS DE EXIBIR

As transformações ocorridas no campo da arte no correr do século XX apresentaram a atualidade com uma variedade de modos de produzir e ver conteúdos que acumula práticas e complexifica o sistema da arte. Sem apagarem umas as outras, tais práticas convivem de maneira tão frutificadora quanto ruidosa. Abarcar e dar um corpo reconhecível para os múltiplos e distintos perfis existentes nesse conjunto de épocas é um dos papéis das novas instituições museológicas que recai inevitavelmente no âmbito da teoria da arte.

O IV Colóquio do PPGA-UFES salientou fios tênues desse emaranhado sob o título “Modos de Fazer/Modos de Exibir”. Na expressão “conjunto de épocas” é possível perceber um campo extenso e intrincado, formado por múltiplas temporalidades, o qual chamamos arte atual. A variação de técnicas, processos, materiais e informações presente na construção das propostas de arte atual revela o uso de referências encontradas na história da arte, mas também a possibilidade de manutenção e resignificação de modos de fazer de outros períodos e movimentos. Entende-se que a presença cada vez mais constante da formação acadêmica na trajetória dos artistas abre margens para o uso da própria história da arte como matéria-prima para trabalhos. O conhecimento permite a escolha de táticas, processos e técnicas utilizados para a feitura de obras de arte. Pintura, escultura, gravura, desenho e tantas outras maneiras de fazer arte convivem com trabalhos incategorizáveis.

A permanência e a transitoriedade de práticas entre o moderno e o contemporâneo, aliada a exigência de formação “profissional”, carrega uma consciência história e social que torna artistas, por vezes, em mapeadores do mundo. A palavra cartografia já é recorrente nas discussões da arte e aponta para uma extrapolação dos limites desse campo. Encontramos em artistas o trabalho de historiador, sociólogo, antropólogo, cineasta, ficcionista, psicólogo, físico, economista, engenheiro e tantos outros atores sociais. Trazer à tona um fato esquecido, as práticas de uma comunidade específica, o dizer de um significado encoberto, sutilezas de relações entre os indivíduos desforçadas pela enxurrada de informações da era telemática, são atividades encontradas no fazer da arte atual. Dos códigos mais extensos aqueles mais íntimos, nada parece ser abandonado pelo campo da arte.

O cubo branco talvez não retenha a hegemonia sobre os modos de exibição de conteúdos, formas e estratégias tão variadas. Ainda assim, seria difícil pensar a apresentação de trabalhos de arte absolutamente desgarrada das instituições fortalecidas pelos modernismos: a galeria, o museu, o colecionador, o marchand e as políticas de apoio cultural. Poderíamos incluir em tal conta as formas institucionais adquiridas no correr das quatro últimas décadas do século XX: a rua, as praças, a paisagem, a residência particular, os livros e as redes de compartilhamento de dados digitais. O processo de institucionalização de tantos espaços de atividades configuraria ainda assim uma abertura. Sem abandonar o cubo branco a arte abraça o cubo aberto.

Pensar as distinções e similaridades na exibição de arte durante o século XX talvez nos leve ao encontro de uma aparente dissolução museológica. As discussões a respeito do modo de armazenamento e exibição de trabalhos de arte incategorizáveis, efêmeros e por vezes quase imateriais não é algo totalmente recente, porém ainda é premente. É necessária atentar tanto para as es-

estratégias com as quais se constroem os trabalhos de arte quanto atentar para as soluções de exibição, enquadramento, recepção e mesmo negação de muitos desses trabalhos.

Quando um acontecimento se transforma em exibição? Quando um arquivo se transforma em matéria-prima? O que ocorre quando o particular se torna público e esse é assimilado pelo particular? No estudo das convergências e disparidades entre o fazer da arte e seu modo de apresentação podemos melhor compreender esse organismo de longas e diversas raízes que é o sistema da arte no século XXI. Pensar as táticas e processos práticos e teóricos da realização e exibição de trabalhos de arte é a proposta do conjunto de artigos, relatos e ensaios que compõem os números 5 e 6 da Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES (2013-2014).

Equipe Editorial.